

Talita Arruda Tavares

O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo



Blucher

O BRINCAR NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA DE
CRIANÇAS COM
AUTISMO

Talita Arruda Tavares

O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo

© 2019 Talita Arruda Tavares

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva, Luana Negraes e Mariana Correia Santos

Preparação de texto Cátia de Almeida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Marise Leal

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Tavares, Talita Arruda

O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo / Talita Arruda Tavares. – São Paulo : Blucher, 2019.

144 p. (Série Psicanálise Contemporânea / Flávio Ferraz, coord.)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1453-3 (impresso)

ISBN 978-85-212-1454-0 (e-book)

1. Psicanálise infantil 2. Crianças autistas 3. Brincadeiras – Psicologia infantil I. Título.

19-0419

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	11
Apresentação	15
A constituição subjetiva e o brincar	21
Considerações sobre a técnica na clínica psicanalítica de crianças com autismo	79
A clínica do autismo: o brincar como via para a constituição subjetiva	99
Considerações finais	133
Referências	137

Agradecimentos

Fazer os agradecimentos é aceitar que um filho nasceu e foi para o mundo. Enquanto esse filho mora em nós, pode ser tudo o que queremos que seja. Quando não cabe mais na casa que o abriga, precisa ganhar o mundo e seguir o próprio caminho.

Agradeço a Audrey Setton Lopes de Souza, sempre muito atenta e sensível às minhas dificuldades, fazendo-se presente de forma delicada e respeitosa.

A Adela Stoppel de Gueller e Luciana Pires pela enriquecedora discussão.

Às professoras e colegas do Departamento de Psicanálise de Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, que me ensinaram muito e me fizeram perceber a pertinência desse trabalho.

A Luciana Lafraia, pelo apoio sempre presente.

Aos meus pais, Paulo e Cristina, aos meus irmãos, Caio e Tatiana, ao meu avô, Arruda, e à minha madrinha Célia, por serem meu abrigo e minha força, mesmo a distância.

Às pequenas Helena, Alice, Joana e Maria, por não me deixarem esquecer o eterno recomeço e a força da vida.

Por último, agradeço ao meu companheiro de vida, Wilson Franco, pelos cuidados, pelo carinho, pelo apoio, por me fazer acreditar em mim mesma e pela força necessária para me fazer caminhar.

Apresentação

O interesse pela clínica psicanalítica de crianças e pelas questões do autismo começou ainda durante minha graduação em psicologia. Nesse período de formação, tive oportunidade de compor a equipe clínica do Lugar de Vida como estagiária e pude me aproximar das crianças atendidas e da abordagem psicanalítica que norteava o trabalho institucional. Encantei-me pela clínica do autismo, tão enigmática quanto surpreendente, e, quando concluí a faculdade, procurei outras instituições em que pudesse seguir atendendo essa população.

Comecei a trabalhar em uma instituição que atendia crianças com autismo, mas não seguia a abordagem psicanalítica. Bastante receosa e insegura com as escolhas que fazia naquele tempo, aceitei passar por um treinamento para conhecer essa metodologia de atendimento, baseada em princípios do neurodesenvolvimento. A técnica é chamada TED, abreviação de seu nome em francês que pode ser traduzido como terapia de troca e desenvolvimento. Por meio da TED, conheci um modelo de prática clínica muito diferente da abordagem psicanalítica.

Os atendimentos com TED aconteciam numa sala praticamente vazia: havia apenas uma mesa, duas cadeiras e uma caixa de brinquedos que deveria ficar ao meu alcance, não ao alcance da criança. Nesse ambiente propositadamente sem estímulos, a presença da terapeuta se colocava como o maior atrativo para a criança. Era eu quem deveria escolher a cada momento os objetos a serem apresentados à criança e, de preferência, a interação deveria acontecer ao redor da mesa e os objetos deveriam ser explorados sempre de forma compartilhada, evitando que a criança tivesse oportunidade de se isolar com ele. Todas as ações direcionadas aos brinquedos deveriam ter como fim o contato da criança comigo. Em meio a tudo isso, tinha de estar atenta aos interesses daquela criança, trocando mais rapidamente um brinquedo de que ela não gostava ou me demorando um pouco mais em outro brinquedo pelo qual demonstrasse maior interesse. Devia evitar objetos que intensificassem as estereotípias e interromper as ecolalias.

Compor o quadro de profissionais de uma instituição em que a abordagem psicanalítica não era, nem de perto, um *a priori* e, diga-se de passagem, muitas vezes criticada em sua eficácia terapêutica, impôs-me importantes questionamentos, incertezas e desafios que se tornaram a maior motivação para a pesquisa de mestrado. Durante os três anos e meio de trabalho naquela instituição, tive de me entender com a psicanalista que morava em mim; tive de questioná-la, provocá-la, desmenti-la...

Foi com grande incômodo que descobri que, por mais que eu tivesse muitas críticas a esse modo de conduzir o tratamento, a verdade era que as crianças iam apresentando importantes avanços; avanços mensurados por instrumentos de avaliação aplicados todo fim de semestre.

Assim, quanto mais me envolvia com o trabalho de atendimento nessa instituição, mais parecia me distanciar da psicanálise.

Porém, com o tempo, fui percebendo que na verdade eu tinha feito algumas “pequenas” adaptações à metodologia de tratamento e que meu jeito de conduzir os atendimentos não era, em absoluto, um modelo de como abordar a TED. Fui percebendo que, muitas vezes, deixava as crianças escolherem os brinquedos, que não me prendia às cadeiras nem à mesa para estar com elas, que não evitava levar para a sala um brinquedo que fazia as estereotípias se intensificarem, que, outras vezes, me empolgava nas brincadeiras e perdia de vista a sugestão de poucos movimentos do terapeuta dentro da sala. Até que me dei conta de que, mesmo respeitando e tentando seguir o modelo de atendimento institucional proposto, a psicanalista em mim escapava pelas brechas e se apresentava no contato com as crianças.

Fui tentando entender o que eu fazia entre as quatro paredes com as crianças. No meio dessa turbulência silenciosa, resolvi, como se fosse um fato isolado, que finalmente era hora de ingressar na formação de psicanálise de crianças do Instituto Sedes Sapientiae, com que sonhava havia anos. Com essa decisão, montava-se o cenário para o grande rebuliço: nessa formação, pude conhecer mais profundamente Sigmund Freud, Donald Winnicott, Melanie Klein; entrei em contato com as teorizações sobre o brincar mais primitivo, aquele que acompanha a constituição subjetiva; descobri Ricardo Rodulfo, como uma sugestão de leitura daquela que, na época, seria minha futura orientadora e, mais recentemente, fui apresentada a Victor Guerra.

Comecei a conhecer outro mundo dentro da psicanálise e das teorizações sobre o brincar em que conseguia me ver no contato com as crianças em atendimento. Isso me levou a perceber que a psicanálise se apresentava muito mais como uma posição ética e de cuidado na relação com os pacientes do que como uma abordagem entre outras possíveis para o tratamento do autismo. Um ano

depois de minha passagem pelo Instituto Sedes Sapientiae, ingressei no mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

A pesquisa de mestrado se apresentou, sobretudo, como um exercício de recuperar o que acontecia nos atendimentos, estabelecendo relações entre o brincar, ou o não brincar, e a constituição subjetiva à luz da psicanálise. Percebi que, na verdade, nunca estive distante da psicanálise; e ter aprendido uma nova técnica de tratamento como a TED me fazia olhar para meus pacientes e para a psicanálise de uma maneira mais complexa e enriquecedora.

A pesquisa de mestrado deu origem a este livro, que está organizado em três capítulos. No primeiro, busco apresentar o brincar como elemento constitutivo da estruturação psíquica do bebê. Inicialmente, discuto as contribuições de Freud (2006 [1920]) com base em suas reflexões a respeito do jogo do *Fort/Da*. Em seguida, apresento as contribuições de Winnicott, Rodolfo e Guerra, autores que se dedicaram a aprofundar a íntima relação estabelecida entre o brincar e a constituição subjetiva, presente desde os primeiros momentos de vida do bebê.

No segundo capítulo, trato do auxílio que o estudo da relação mãe-bebê pode oferecer para a clínica do autismo, tendo em vista que no tratamento de crianças com autismo o analista ocupa a função materna estruturante. Inspirada por autores da psicanálise que se dedicaram à clínica do autismo, como Frances Tustin, Anne Alvarez, Marie-Christine Laznik, Luciana Pires, entre outros, procuro discutir as especificidades do brincar em crianças com autismo, considerando o papel dos objetos autísticos e os paradoxos presentes na estereotipia.

O terceiro capítulo apresenta as possibilidades de desenvolvimento do brincar na clínica de autismo, por meio da análise de algumas vinhetas de atendimentos de crianças. A apresentação e

a discussão do material clínico foram organizadas em três grandes eixos teórico-clínicos: encontro analítico, estereotípias e objeto tutor (conceito formulado por Victor Guerra e apropriado, neste trabalho, como elemento que inaugura a possibilidade do brincar no encontro analítico na clínica do autismo). O eixo referente ao encontro analítico buscou discutir a importância da constância do *setting* para o atendimento de crianças com autismo. O eixo relacionado às estereotípias abordou a importância de intervenções analíticas que propiciam desdobramentos e continuidades em relação a movimentos inicialmente repetitivos e disfuncionais, introduzindo a dimensão do novo e da criatividade e trazendo a abertura para a presença do outro (analista) e do brincar compartilhado. O último eixo de discussão tratou de alguns caminhos que poderiam levar à criação do objeto tutor na clínica do autismo, seja por meio da transformação do objeto autístico, seja por propostas de continuidades para os movimentos estereotipados, levando em consideração a presença e a participação ativa do analista.

Antes, contudo, de iniciar, fazem-se necessários alguns últimos esclarecimentos. É importante dizer que parto do pressuposto de que o autismo constitui-se como um transtorno do desenvolvimento decorrente de causas multifatoriais, não podendo ser compreendido exclusivamente como uma doença de base orgânica nem de base psicogênica.

Tive oportunidade de conhecer muitas mães e muitos pais intensamente empenhados nos cuidados com seus filhos. Mães e pais que nem de longe poderiam ser confundidos com uma geladeira, no que diz respeito às suas emoções. Além disso, a culpabilização dos pais pelo autismo de seus filhos não contribui em nada para o tratamento, pelo contrário, traz mais dificuldades. Os pais, frequentemente, estão cansados e desautorizados a ocupar a função parental diante de um filho que não olha nem responde e

que parece indiferente a eles. Precisam de atenção e cuidado tanto quanto o filho; devem ser reinvestidos em sua função de pais pelos profissionais, pois sustentam um lugar importante para o tratamento das crianças. Os pais precisam ser tomados como parceiros de tratamento, não como inimigos de quem as crianças precisariam ser libertadas. Definitivamente, não defendo que a compreensão estritamente psicogênica seja razoável, assim como não considero que o autismo seja causado por fatores orgânicos.

Desse modo, eu me aproximo da compreensão epigenética que defende que há, sim, fatores genéticos envolvidos na causa do autismo, mas que o ambiente no qual a criança vive é igualmente importante para a manifestação do autismo.

O segundo ponto de esclarecimento diz respeito ao fato de ter optado por me referir aos pacientes como crianças com autismo e não como crianças autistas. Quando prefiro dizer que a criança tem autismo em lugar de afirmar que é autista, reconheço que o autismo vem depois da criança e que não a define completamente. Assim, estou mais disposta a me deixar surpreender pelas conquistas subjetivas que essas crianças possam vir a ter no tratamento.

O terceiro esclarecimento que se faz necessário diz respeito ao material clínico retirado de atendimentos realizados por mim. É importante dizer que as vinhetas apresentadas neste livro ilustram momentos privilegiados dos atendimentos às crianças e, portanto, não correspondem ao cotidiano do tratamento. Os profissionais que atendem essa população sabem que, muitas vezes, precisamos esperar por longos períodos até que possamos comemorar algum movimento da criança – um olhar, um sorriso, uma conquista.

O último ponto refere-se ao fato de que os pacientes citados receberam nomes fictícios e a identidade da instituição foi preservada.

Feitos os esclarecimentos, podemos começar!



A clínica do autismo segue fertilizando o campo psicanalítico. E este livro é um exemplo disso. Muito além de se manterem circunscritas à especificidade dessa clínica, as questões aqui desdobradas participam do que de mais interessante vem sendo produzido na psicanálise contemporânea. Entre elas, encontramos algumas saborosas formulações, como “simbolização em presença”, do francês René Roussillon, e “três tempos da lei materna”, do uruguaio Victor Guerra.

Merece destaque a preciosa discussão sobre as relações entre objeto subjetivo, objeto tutor, objeto transicional, objeto autístico e objeto fetiche. O aprofundamento dessa reflexão promete ser de grande valor para o porvir da psicanálise.

– *Luciana Pires*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1453-3



9 788521 214533

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. *Flávio Ferraz*

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

O Brincar na Clínica Psicanalítica de Crianças com Autismo

Talita Arruda Tavares

ISBN: 9788521214533

Páginas: 144

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.198 kg
